

is - notícias cultu

BIBLIOTECA PÚBLICA

ANO III - Florianópolis, 16 de fevereiro de 1968
editado pelo departamento de cultura da secretaria do governo do estado

NESTE NÚMERO

PREFEITURA APLICARÁ VERBA DO FUNDO DE PARTICIPAÇÃO NO PATRIMONIO HISTÓRICO	1
DE 12 A 19 DE MARÇO A SEMANA NACIONAL DA BIBLIOTECA.....	2
III EXPOSIÇÃO DE ARTISTAS JOINVILENSES.....	3
DIREÇÃO DO MUSEU ARQUEOLÓGICO DO SAMBAQUI.....	3
DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES DA UDESC.....	3
MUSEU HISTÓRICO PARA SÃO FRANCISCO DO SUL.....	3
MOVIMENTO DA BIBLIOTECA PÚBLICA	4
MINISTÉRIO DA CULTURA NAS DIRETRIZES DO CFC.....	4
DOMINGOS BRITO PEIXOTO.....	5
VICTOR KONDER.....	8

editado pelo departamento de cultura da secretaria do governo do estado de santa catarina

PREFEITURA APLICARÁ VERBA DO FUNDO DE PARTICIPAÇÃO NO PATRIMONIO HISTÓRICO.

A Prefeitura Municipal de Florianópolis, cumprindo o que determina a legislação federal, vai aplicar recursos do Fundo de Participação dos Municípios na recuperação e conservação de bens do Patrimônio Histórico.

A municipalidade florianopolitana, através de convênio com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, inicialmente, vai proceder a urbanização da área do Forte Santana, debaixo da ponte Hercílio Luz e a limpeza de toda a área da Fortaleza de São José da Ponta Grossa, na conhecida praia do Forte. Ambos são monumentos tombados pelo IPHAN, e de há muito que estão abandonados.

O convênio entre a Prefeitura de Florianópolis e o Instituto do Patrimônio Histórico prevê a aplicação de verbas, em partes iguais, pelas duas instituições, sendo que para este exercício o Município já designou verba de Cr\$ 350 mil cruzeiros para o cumprimento deste protocolo.

Exemplo

Despertando para a realidade de que aos municípios deve caber a iniciativa na preservação dos bens culturais, a Prefeitura de Florianópolis dá um exemplo que deveria ser imitado pelas demais, de nosso Estado.

Valorizando e protegendo os monumentos históricos a municipalidade presta um serviço à cultura e, além disso, valoriza as áreas onde pode ser desenvolvido o turismo cultural.

DE 12 A 19 DE MARÇO A SEMANA NA-
CIONAL DA BIBLIOTECA

A Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários está orientando as comemorações da SEMANA NACIONAL DA BIBLIOTECA de 12 a 19 de março próximo. Esta comemoração foi oficializada pelo Decreto 884/62, cabendo ao Instituto Nacional do Livro e ao Conselho Federal de Cultura o seu patrocínio.

A data de 12 de março foi instituída como o Dia do Bibliotecário em homenagem ao poeta e bibliotecário Manuel Bastos Tigre, nascido neste dia.

Para este ano a Federação de Associação de Bibliotecários instituiu o lema " MAIS LEITURA PARA UM BRASIL MELHOR", para comemorar a semana.

O objetivo principal da promoção é tornar mais conhecidas as bibliotecas e os recursos de que dispõe, bem como os benefícios que o povo brasileiro pode tirar da utilização das bibliotecas. Ao mesmo tempo, chama a atenção das autoridades para a necessidade da manutenção das bibliotecas.

Bibliotecas Escolares

Os bibliotecários brasileiros, apesar de sua ação ininterrupta de difusão da cultura, através do livro, desejam nestas comemorações, alertar as autoridades responsáveis pelo ensino e todos aqueles que se dedicam a ministrá-lo, para a necessidade de ser obrigatória a criação e manutenção de bibliotecas escolares. O estudante necessita da assistência da biblioteca e do bibliotecário em seu próprio colégio, onde, em salas bem instaladas, devem estar os livros de textos, indicados pelo corpo docente.

Desobrigadas da missão de servirem como grandes bibliotecas escolares, poderão as bibliotecas públicas atender melhor e oferecer leitura educativa e recreativa ao público que delas tanto necessita. É sabido que nada adiante alfabetizar, se ao alfabetizado não são oferecidas as facilidades de sequência do aprendizado. Cumpram os estabelecimentos de ensino secundário com o seu dever e as bibliotecas públicas se encarregarão de sua patriótica missão, que é de fazer de cada brasileiro um leitor, contribuindo para a formação de um povo mais esclarecido e mais feliz.

III EXPOSIÇÃO DE ARTISTAS JOINVILENSES

Dez artistas estarão participando da III EXPOSIÇÃO DE ARTISTAS JOINVILENSES, que será realizada de 9 a 24 de março. A mostra, que será aberta dia 9, na Casa da Cultura de Joinville, faz parte das comemorações dos 122 anos da fundação da cidade.

Deverão participar da exposição: Odil Campos (desenho); Luiz Henrique Schwanke (pintura); Alcides Buss (poemas concretos); Indio Negroiro (desenho); Maria Angelica Keller do Vale (cerâmica), Mário Avancini (escultura), Nilson Delai (pintura), Edson B. Machado (desenho), Albertina Ferraz (Xilografura) e Antônio Mir (pintura)

DIREÇÃO DO MUSEU ARQUEOLÓGICO DO SAMBAQUI

Assumiu a Direção do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville o Sr. Afonso Inhof. Para a Secretaria da instituição foi indicado o sr. Silvio Arlindo Borges. A comunicação foi feita ao Departamento de Cultura pelo novos dirigentes.

DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES DA UDESC

Foi homologado pelo Reitor da UDESC a constituição do Diretório Central dos Estudantes desta Universidade. O primeiro Conselho Executivo deste Diretório está assim constituído :
Presidente : Rogério Braz da Silva; Vice-Presidente Jaine Wittaczik; Secretário: Eda Maria de Mello; Diretor Financeiro: Nelson Hardt; Diretor de Assistência: Ronaldo Santangelo; Diretor de Comunicação: Dolores Quintilhan; Diretor Social: João Cesário Pereira e Diretor Esportivo: Valcélis Nazaré dos Santos.

MUSEU HISTÓRICO PARA SÃO FRANCISCO DO SUL

A Câmara Municipal de São Francisco do Sul deseja a criação de um Museu Histórico naquela cidade. Proposta neste sen

tido foi aprovada por aquela Câmara. Entendem os vereadores franciscenses que a cidade possui um grande acervo histórico e que o mesmo deve ser reunido e conservado.

MOVIMENTO DA BIBLIOTECA PÚBLICA

No decorrer do mês de janeiro passado a Biblioteca Pública registrou uma frequência de 2.832 pessoas. Foram consultados 2.141 obras e emprestadas 500. O setor de recuperação encadernou 80 volumes, entre livros e periódicos. Foram adquiridos 24 novas obras.

MINISTÉRIO DA CULTURA NAS DIRETRIZES

DO CFC

A criação do Ministério da Cultura, que faz parte do anteprojeto de lei que traça as diretrizes para a política cultural do Governo, foi aprovada por unanimidade pelo Conselho Federal de Cultura. O relator da matéria, conselheiro Afonso Arinos, declarou, no entanto, que desconhece as chances da nova Pasta junto ao Executivo e ao Congresso.

Ainda dentro do plano, foi aprovada a sugestão da criação do Fundo Nacional de Desenvolvimento Cultural.

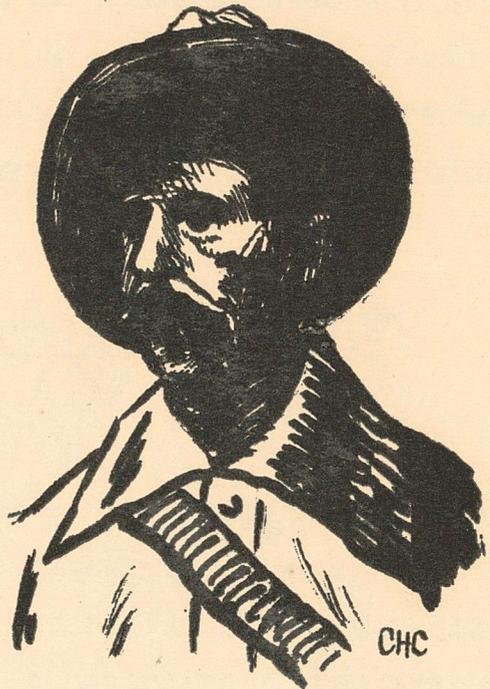
Entre as principais inovações do plano estão a nova pasta, o Fundo Nacional de Desenvolvimento Cultural e a proposta para emenda constitucional que permita a nomeação pelos governadores dos prefeitos das cidades consideradas monumentos nacionais ou que tenham sido tombadas pelo Patrimônio Histórico e Artístico.

O plano se destina a ser um anteprojeto de lei definidora da política geral de cultura de nosso país.

Ele é dividido em três capítulos: diretrizes fundamentais, genéricas e específicas, sendo este último subdividido em seções, como Patrimônio, Letras, Artes e Ciências Humanas.

49

DOMINGOS BRITO PEIXOTO



A história de Santa Catarina, nos séculos XVI e XVII, é uma história de visitas de navegantes e de ocupação do litoral. Portugueses e exploradores europeus frequentaram, com regularidade, a costa catarinense, nas primeiras décadas após o descobrimento. Quando o apresamento de índios tornou-se um negócio rendoso para os paulistas, tres pontos litoraneos, das terras de Sant' Ana, apareciam como base para as operações de captura e de embarque dos " Karijós", feito escravos. Eram, na fóz do rio São Francisco, na ilha de Santa Catarina e na laguna situada pouco além da ponta de "Itaperobá".

Opondo-se, à prática escravagista, os Jesuítas percorriam a região, aliando à missão evangelizadora o alerta aos indígenas ante a ameaça dos homens que vinham de Santos e São Vicente. Deste período ficaram as informações sobre a presença dos primeiros brancos na Laguna.

Na metade do século XVII caiu o comércio do escravo índio e, nesta mesma época, Portugal decidiu acelerar o povoamento do sul do Brasil.

O Regente D. Pedro II enviou emissários a São Vicente para incentivar a realização de expedições colonizadoras. Notícias, sobre a descoberta de prata em Paranaguá, colaboravam com o desejo de Coroa portuguesa.

Foi, movido por este incentivo que, partiu de São Vicente o Capitão Domingos Brito Peixoto, para cumprir um povoamento no lito-

ral de Santa Catarina, A escassa documentação não permitiu, ainda, que se fixasse a data exata deste acontecimento. Sabe-se que ocorreu em 1676.

Domingos Brito Peixoto era vicentista, tendo nascido pelo ano de 1633, sendo filho legítimo, de pai de igual nome e de Sebastiana da Silva Peixoto. Seus ascendentes vinham da fidalguia portuguesa. Tanto os Brito como os Peixoto possuíam brasões próprios. Ele mesmo era figura de escóla na comunidade vicentista. Em 1671 recebeu a patente de Capitão conferida pelo governador geral, Conde de Borborema, em recompensa "pelo seu valor e prática da disciplina militar".

Integrado no movimento expansionista bandeirante decidiu buscar fortuna nas terras do sul. Já estava casado com Ana da Guerra Prado, e possuía dois filhos e uma filha. Francisco Brito Peixoto, depois seu continuador no povoamento; Maria de Brito Silva, que foi casada com Diego Pinto Rego que governou São Vicente e Sebastião Brito Guerra, morto, ainda moço e solteiro, vítima de flechada num entreveio com os índios, nos sertões do sul.

A expedição colonizadora foi organizada por Brito Peixoto em 1676. Dividida em dois grupos. Um terrestre, do qual ele fazia parte com seus dois filhos e cerca de sessenta agregados e escravos. Outra marítima, mandando uma embarcação, de sua propriedade, conduzindo homens e ferramentas, com ordens para aguardá-lo no local que os mapas e roteiros, de então, denominavam "alaguna dos Patos". O encontro ocorreu quatro meses depois da partida.

O Capitão Brito Peixoto estabeleceu a sua povoação onde hoje se ergue a cidade de Laguna. A região era habitada por índios hostis que não viram com bons olhos a invasão dos seus domínios. As lutas foram constantes e o bandeirante perdeu grande número de escravos nos combates contra o gentio. Num deles o próprio filho Sebastião. Feras e a selva inóspita foram as outras adversidades a vencer. Terra fértil e litoral piscoso transformaram em sucesso esta iniciativa. O vicentista entretanto ainda não se fixaria definitivamente. Em 1679 está de volta à São Vicente exercendo o cargo de Juiz Ordinário da vila. Em 1683 ou 1684 regressa a Laguna, agora em companhia da esposa.

Domingos Brito Peixoto não era apenas um desbravador homem de tino administrativo organizou um empreendimento, com os seus negócios abrangendo agricultura, pecuária e pesca. Manteve comércio com Dias Velho, estabelecido na ilha de Santa Catarina e vendia seus produtos para o Rio de Janeiro, São Vicente e outras praças.

Promovendo o desenvolvimento da povoação atraiu famílias de outras paragens, dando-lhes ajuda enquanto suas plantações não atingissem o tempo da colheita. Fez vir da campanha bois, ovelhas, carneiros e cavalos.

Em 1688 um documento endereçado a D. Pedro II, de Portugal, dava conta de que já havia realizado e reivindicava o auxílio da Coroa. Vendia peixe seco (tainha e bagre), frescal de gado e carne salgada, couro para sola e farinha de mandioca. Exportava, inclusive, para o Reino. Possuía pelo menos tres embarcações,

chamadas sunacas, utilizadas no transporte de mercadorias. Na petição, requerendo a colaboração de Lisboa para expandir a sua empresa, comprometia-se a "mandar fazer diligências por prata porque por alguns sinais entendo não faltará". Prometia "adiantar o nome de V. Majestade em tão remotas partes e também a propagação da fé católica". A povoação possuía mais de 50 famílias" fora os escravos, e de contínuo se vai acrescentando com novos moradores".

O relato atesta o sucesso da freguesia que ficara sob o patrocínio de Santo Antonio dos Anjos. Ao final do século XVII Laguna tornou-se o porto mais importante da costa sul. Era o ponto intermediário servindo de apoio à conquista das terras de Rio Grande, tarefa na qual o fundador da vila teve participação quando delegou ao filho Francisco a incumbência de negociar gado. A experiência de Francisco Brito Peixoto, abrindo caninhes nos campos para além de Mampituba, lhe daria, anos depois, o título de "desbravador do Continente de São Pedro".

Cumprida a missão povoadora e estabelecida a vila Domingos Brito Peixoto viu chegar o fim de seus dias. A data de sua morte não é conhecida, mas teria ocorrido entre 1703 e 1709. Sabe-se ao certo que faleceu na Laguna. Uma "Memória", ditada a um letrado pelo filho Francisco, faz a revelação em duas oportunidades. No documento, existente no Arquivo Nacional, é dito que "depois de principiada e estabelecida esta povoação morreu nela o capitão Domingos Brito Peixoto...". E, mais adiante: "Que o dito Capitão faleceu na mesma povoação". Em 1703 o vicentista ainda vivia, como se deduz pela carta sobre uma compra de farinha, que lhe dirigiu o governador Álvaro da Silva Albuquerque, datada de 16 de outubro e tratando-o de "Capitão-nor e Senhor da Laguna". Esta carta está no Arquivo Nacional, bem como um atestado, datado de 26 de setembro de 1709, concedido pela Câmara de São Vicente a pedido do Capitão Francisco Brito Peixoto, onde seu pai figura como "já falecido".

Desaparecendo o fundador sucedeu-o, como Capitão-nor da Laguna, Francisco Brito Peixoto que procurou dar continuidade à obra do pai, mas enfrentou dias difíceis. Sofreu pressões de Manoel Manoel Avelar, estabelecido na ilha de Santa Catarina e que pretendia a hegemonia econômica da região. O segundo Brito Peixoto, faleceu também na Laguna a 31 de outubro de 1635. (JM)

50

VICTOR KONDER

Quando em 1925, para a quase totalidade dos homens públicos e empresários do País, o avião parecia um aparelho usado apenas como arma de guerra, um catarinense preconizava que o Brasil era a região do globo, para a qual o engenho humano havia idealizado aquele e, outro invento que o mundo passava a conhecer, o rádio. E, assim, se manifestava: "A indigente tarefa da articulação do Brasil, no sentido material e cultural, será preparada, simplificada e apressada pelos novos meios de comunicação." Este pensamento foi extraído do arquivo de Victor Konder, que nasceu em Itajaí a 21 de fevereiro de 1886.



Mais moço, dos filhos varões do exportador de madeiras o alemão Marcos Konder (pai) e da itajaiense Adelaide Flores Konder, muito cedo, em companhia dos irmãos Arno, Marcos e Adolfo, frequentou a escola do Prof. Stanke. Precocemente, aprendeu a ler e escrever, o português e o alemão. Depois estudou interno no Colégio Santo Antônio, dos franciscanos em Blumenau. E, concluiu, Humanidades no Colégio Jesuíta, de São Leopoldo no Rio Grande do Sul. Nesta época perdeu o pai que, aos 44 anos, faleceu em Hamburgo quando de uma viagem de negócios à Alemanha.

Após o curso em São Leopoldo, em companhia do irmão Adolfo, ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo. Ali conviveu com a mocidade da época, empolgada pelos ideais democráticos. Levando a sério os estudos distinguia-se entre os seus colegas. No volume XVI

de 1908/09 da "Revista da Faculdade de Direito de São Paulo", o nome de Victor Konder aparece como classificado em 2º lugar, na conclusão do curso. Por esta distinção coube-lhe o direito de ver o seu retrato inaugurado no "Panteão" da escola, ao lado de outros ex-alunos ilus tres, como o Presidente Rodrigues Alves e o futuro Chanceler Raul Fernandes.

Terminada a faculdade, na mesma turma de Nereu Ramos e Adolfo Konder, abriu sua banca de advocacia em Itajaí, onde também exerceu a Promotoria Pública. Na cidade natal frequentou o jornalismo através das páginas de "Novidades", então dirigido pelo irmão Adolfo. Fundamentava-se a participação dos Konder na nossa história política. Nesta época o outro irmão Marcos, que permanecera em Itajaí à frente dos negócios da família, para que os dois noços pudessem estudar, já havia sido eleito para dois mandatos no Conselho Municipal.

Quando, em 1910, a candidatura de Ruy Barbosa surgiu como inspiração civilista, em oposição à de Hermes da Fonseca, Victor e Adolfo lideraram a oposição no Partido Republicano Catarinense, que tinha como chefe o então Senador e Ministro Lauro Muller. A atitude levou o irmão Marcos renunciar a liderança do PCR em Itajaí. A vitória de Hermes da Fonseca não os retiraria da arena política.

Advogado capaz o nome de Victor Konder, tornava-se conhecido no vale de Itajaí. Transfere sua banca para Blumenau, então o maior município catarinense. Em pouco tempo conseguiu clientela far ta, prestando assistência a firmas industriais e comerciais. Em 1918 redigiu os estatutos da primeira sociedade anonima constituída no vale do Itajaí a "Tecidos Renaux S/A", de Brusque. Absorvido pelo cli ma desenvolvimentista, aos poucos vai participando de diversas emp resas, como acionista. Adquire terras inexploradas no alto vale do Itajaí, nas regiões onde hoje situam-se os municípios de Agronômica, Rio do Sul e Taió. Em 1919 é eleito Conselheiro Municipal, cabendo-lhe a presidência do legislativo blumenauense nos períodos 1919/23 e de 1923/27. Convocado por Hercílio Luz, interrompeu o mandato, em 1922, para assumir a Secretaria da Fazenda, Viação, Obras Públicas e Agricultura. Neste posto permaneceu até 31 de março de 1926, servindo, ainda, aos governadores em exercício Pereira Oliveira e Bulcão Via na. Em fins de 1925 esteve na Europa. Demorou-se, em visita ao par que industrial da Alemanha. Foi quando despertou seu entusiasmo para a aviação.

No início de 1926 Adolfo Konder é indicado pelo Partido Republicano Catarinense, candidato e, posteriormente, é eleito go vernador do Estado. Victor candidata-se à Câmara Federal. Enquanto aguarda o pleito preside o Conselho Municipal de Blumenau. Neste pos to recepciona o presidente da República eleito Washington Luiz Pere ira de Souza, em visita ao município, saudando-o na localidade de Rio Serro, na divisa com Jaraguá do Sul. No local seria erguido um marco assinalando o acontecimento de 26 de maio de 1926. O presidente elei to é cativado pelo verbo fluente do orador. Ao percorrer as estradas do território "barriga-verde" constata ser obra de um secretário de

espírito prático e idealizador. Um mês antes da sua posse, Washington Luiz, convida este bacharel catarinense de 40 anos, para seu Ministro da Viação e Obras Públicas, surpreendendo uma maioria que tinha como certa a nomeação de um engenheiro paulista, então diretor da Estrada de Ferro Sorocabana.

À frente desta Pasta que já projetara nacionalmente, outro catarinense, Lauro Müller, seu conterrâneo, Victor Konder não iria desmerece-lo o prestígio.

No ministério preocupou-se com a expansão do sistema nacional de comunicações. Multiplicou as linhas telegráficas e dobrou as agências postais. Ferrovias, rodovias e o transporte marítimo foram ampliados. Iniciou a eletrificação da Central do Brasil. Obras arrojadas como, a abertura da estrada Rio-Petrópolis e da antiga rodovia Rio-São Paulo, tiveram em Victor Konder um incentivador.

Santa Catarina beneficiou-se grandemente com esta administração. O gabinete do Ministro tornou-se uma extensão do seu Estado. Ali sempre havia solução para os problemas dos seus costados. Não foram poucos os jovens que, na época, puderam realizar seus estudos superiores na Capital da República, graças ao amparo que receberam quer, na forma de emprego público ou, de auxílios.

Para o Estado canalizou recursos que possibilitaram melhoria nos portos de, Itajaí, São Francisco, Florianópolis e Laguna; a extensão dos trilhos da Estrada de Ferro Santa Catarina, da localidade de Subida até Rio do Sul e o início do trecho ferroviário Blumenau-Itajaí.

Nos quatro anos de ministério, entretanto, a sua maior obra seria em favor da aviação comercial. Incontestavelmente, Victor Konder foi o pioneiro da comunicação aérea no País. Procurou atrair a experiência européia e incentivou o aparecimento da empresa nacional conhecida como Conder-Varig. O entusiasmo que nutria por este meio de transporte esta expresso no que escreveu: "Para o estudo e solução de muitos problemas nacionais e para a fiscalização de obras públicas e funcionamento das máquinas administrativas, a nossa aeronáutica tornou-se instrumento indispensável. Com o transporte rápido, uma obra pública em Porto Esperança ou na Madeira Manoré fica efetivamente sob a inspeção direta e ocular do respectivo Ministro e Chefes de serviço".

A 1.º de janeiro de 1927 o Ministro Victor Konder inaugurava o serviço aéreo comercial no Brasil. Neste dia o hidroavião "Atlântico," pilotado pelos aviadores alemães Fritz Hamner e Von Clausbruch, tendo a bordo o Ministro da Viação e Obras Públicas e pequena comitiva, levantou vôo da baía de Guanabara, às 11 horas da manhã, para amerisar, seis horas após, na baía de Florianópolis, depois de breve escala em Santos. Descrevendo este vôo histórico ele fez uma profissão de confiança no futuro do Brasil e registrou sua emoção, em página incluída no seu arquivo: "Ao voar, pela primeira vez, sobre terras brasileiras, recebe-se a primeira lição de corografia, proveitosa e indelével. Mentalmente vamos identificando os rios, serras e cidades, e uma vaga e, por assim dizer, abstra

ta toponímia de cor nos mapas e compêndios escolares, se positiva, naquela hora, na realidade de imagens vivas e coloridas. E entre o orgulho do trabalho realizado pelos nossos maiores naquelas cidades e povoados, nas estradas brancas que acompanham os vales e serpeiam pelo flanco dos montes, nas várzeas plantadas e nos campos mancha - dos pelo gado nascente e os sonhos de que, um dia aquele oeste va - zio e intermínio que se dilata diante dos nossos olhos, se preenche - rá com a maior civilização do globo, transcorre o vôo num embeveci - mento que não se cansa".

Neste janeiro de 27, a Conder-Varig recebia do Ministro a primeira concessão, no Brasil, para uma linha aérea comercial Rio-Porto Alegre. Em 1930 a Conder voava até Fernando de Noronha mantendo a conexão com o correio aéreo europeu. Ao mesmo tempo os seus aviões cruzavam os céus em direção ao oeste brasileiro, voando para o Mato Grosso e fazendo ligação, com o Aéreo Loyd Boliviano, até La Paz. Um ano antes a Panair cobria o litoral norte, da Capital Federal até Belém do Pará.

Colega de ministério de Getúlio Vargas, que no início do governo Washington Luiz ocupou a Pasta da Fazenda, sofreria, com a ascensão do político gaúcho, os dissabores do exílio. Quando, no dia 24 de outubro de 1930, a Junta chefiada pelo general Tasso Fragoso intimou o Presidente Washington Luiz a deixar o Governo, Victor Konder foi, dos poucos, que permaneceu no Palácio Guanabara, ao lado do Chefe da Nação, até sua capitulação final.

Exilado em Portugal, sentiu-se deprimido e doente. Lá contraiu núpcias com Carla Konder. O casamento não minoraria o amargor do exílio. Com a saúde debilitada esteve em tratamento na clínica do Prof. Sietz, em Munique.

De regresso ao Brasil, em 1934 voltou a residir em Blunau. Uma grande decepção foi saber que revolucionários de 30 haviam arrancado seu busto erguido na praça fronteira à estação ferroviária e o atirado ao rio Itajaí Açu. Amigos seus encontrariam -na. Após a sua morte a estátua foi recolocada na mesma praça. Em Blunau fez oposição ao integralismo. Após haver galgado um dos mais altos postos da República, teve a humildade de candidatar-se à Câmara Municipal de Blunau no pleito de março de 1934. Foi derrotado nestas eleições, onde a Ação Integralista fez onze vereadores dos quinze que compunham o Legislativo. Nesta época escreveu um ensaio intitulado "O MUNICIPAL NACIONALISMO NA PALAVRA DE UM IDEALIZADOR", editado em 1935.

Vivendo como advogado e empresário voltou a residir no Rio de Janeiro. Mas, vinha regularmente a Santa Catarina. Dias depois ao regresso de uma destas viagens foi acometido de forte crise de diabete e não resistiu. Faleceu a 6 de agosto de 1941.

Seu desaparecimento foi muito sentido no Estado. O Interventor Federal Nereu Ramos, presente ao Rio, compareceu aos funerais levando a homenagem dos seus coestaduanos. A colônia catarinense no Rio acompanhou o corpo de Victor ao comitêrio de São João Batista, e o embaixador Edmundo da Luz Pinto discursou à beira do túmulo.

Em Santa Catarina o Interventor Interino Altamiro Guimaraes, decretou luto oficial por três dias. No Tribunal de Justiça, no Conselho Penitenciário, na Ordem dos Advogados em Florianópolis, foram prestadas homenagens póstumas.

No necrológico que escreveu para o vespertino "O Estado", de 6 de agosto o mestre Altino Flores disse que "Victor Konder distinguia-se pelo verbo ardente. Ouvi-lo falar era ver o acabamento de uma legítima obra de arte plástica, que de repente se movesse e se dirigisse para nós, envolvendo-nos, empolgando-nos, comovendo-nos".

Membro da Academia Catarinense de Letras, Victor Konder foi o fundador da cadeira nº 8, cujo patrono é D. Eduardo Duarte Silva.

Pioneiro da aviação comercial teve seu nome negado para patrono oficial aeroporto de sua cidade natal, tendo a Prefeitura Municipal de Itajaí feito erguer seu busto na praça fronteira àquele campo de pouso. Também em Blumenau ergue-se a sua herma. Vários municípios catarinenses, inclusive a Capital, perpetuam seu nome em ruas e logradoures públicos. (JM)